

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES

DESTAQUES IPADES

Outubro 2014

O BANCO BRICS E O CONTEXTO INSTITUCIONAL INTERNACIONAL

Na Sexta Cúpula dos Brics realizada em 15 de julho de 2014 na cidade de Fortaleza, Ceará, foi anunciada a criação do Banco de Desenvolvimento (Banco dos Brics) e de um acordo Contingente de Reservas (ACR). A iniciativa coincide com o aniversário de 70 anos da Conferência de Bretton Woods, quando nasceu o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial) e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Embora não seja um tema novo, ganhou destaque coma crise econômica de 2008 e com a ascensão dos países “emergentes”, em especial a China, na lista das principais economias mundiais. Tais fatores contribuíram para o surgimento dessas novas instituições. Elas não competem com as de Bretton Woods, mas poderão contribuir, ou não, para a nova arquitetura do sistema financeiro internacional.

Por que a criação do Banco dos Brics? Três aspectos são considerados. Posicionamento político frente aos EUA, União Européia e Japão. O atual sistema operacionalizado pelo Banco Mundial e o FMI é limitado do ponto de vista dos recursos para o financiamento, por razões operacionais e políticas. Há restrições para o aumento dos gastos públicos pelos governos nacionais que aumentaram seus déficits em resposta à crise de 2008.

A sede do banco será em Xangai, China, com inauguração simultânea de escritório em Johannesburgo, África do Sul. A escolha não é fortuita. Os chineses têm especial interesse na melhoria da infra-estrutura dos países africanos que atendem a sua demanda de commodities agrícolas, minerais e combustíveis.

O Banco dos Brics será multilateral, ou seja, aceitam acionistas fora de sua região. Outra característica é que sua carteira de investimentos se credencia obedecer a critérios de orientação política que podem deixar em segundo plano os projetos que a população do país requer naquele momento. Detalhe: na sua formação como banco multilateral é o primeiro que não consta na sua criação com a presença dos estados Unidos. Esse é o significado político do banco.

A presidência da instituição é rotativa de cinco em cinco anos e a China só assumirá esse posto depois de 20 anos. Pode não significar nada, mas sinaliza a postura tradicional de “cautela” dos chineses.

O capital inicial do Banco dos Brics é de US\$ 50 bilhões, podendo chegar a US\$ 100 bilhões. O Acordo Contingente de Reservas inicia com US\$ 100 bilhões (a China contribui com US\$ 40 bilhões, Brasil, Índia e Rússia com US\$18 bilhões cada e África do Sul com US\$ 6 bilhões). Não se trata de acordo para substituir o FMI. Aqui a proposta possui um significado político claro.

Resumindo-se, as duas iniciativas fazem parte do debate sobre a questão da governança num mundo em que a demanda por maior poder de voto nas instituições de Bretton Woods pelos países emergentes aumenta.

BRASIL: CAMPEÃO MUNDIAL DA PRESERVAÇÃO

Países de dimensões continentais como China, Estados Unidos, Rússia e outros, com áreas territoriais acima de 200 milhões de hectares, protegem 9% do seu território. O Brasil protege 34,3%, ou seja, dos 850 milhões de hectare totais, o agronegócio utiliza 291,54 milhões de hectares, segundo dados da Embrapa.

O Brasil diminuiu de 1985 a 2014, de acordo com os censos agropecuários realizados pelo IBGE, uma média de dois milhões de hectares por ano, no avanço da agropecuária sobre as áreas de floresta primária e secundária. Isso corresponde à área total plantada com grãos no país. Esses hectares foram ocupados por reservas indígenas, parques, unidades de conservação. Áreas de preservação permanente, recursos naturais, infraestrutura e urbanização, dentre outras.

Esta situação foi possível porque entre 1976 e 2010, segundo a Embrapa, porque a área plantada com grãos cresceu 27%, enquanto a produção aumentou 273%. Isto

demonstra que no Brasil o mundo agrário está se transformando no mundo rural, ou seja, o fator terra está perdendo força para gerar riqueza concentrada e poder na agropecuária, para o capital que possibilita maior dinamismo e distribuição da riqueza gerada no campo. Cite-se como exemplo a ocupação da nova fronteira agrícola no Cerrado.

No entanto, essa realidade chega com dificuldade ao cidadão urbano brasileiro, que é muito mais influenciado pelas pressões externas que caracterizam o Brasil como país derrubador de floresta, o que fora quando do domínio do mundo agrário. Porém, é bom que se diga que, a representação do novo mundo rural brasileiro não tem sabido dialogar com a sociedade a respeito da sua nova posição, dos benefícios que trás para o ambiente e para a economia, e que esses avanços estão embasados em conhecimento científico e tecnológico.

Desse modo, o país se vê envolto numa disputa ideologizada a respeito da preservação e da produção agropecuária que em nada contribui para o desenvolvimento econômico sustentável que é capaz de gerar riqueza num novo contexto diferente daquele que tinha o domínio fundiário como fundamento principal. Por outro lado, não ajuda a expandir a boa imagem do país, no exterior, como importante player global na produção de alimentos, matérias-primas e bioenergia.

ÁRVORES DE CLIMA FRIO JÁ VEGETAVAM NA AMAZÔNIA

Porto Velho, capital de Rondônia, hoje é muito quente e abafada, mas há 30 mil anos seu território provavelmente foi frio como a atual Porto Alegre, capital do rio Grande do Sul, há 3.500 km de distância. A temperatura média anual deve ter sido de no máximo 18° Celsius, seis abaixo da média atual. Não havia gelo, que cobria vastas áreas no norte e sul do planeta, mas a temperatura nos invernos devia chegar a 10° C, o suficiente para fazer os atuais moradores do sudoeste da Amazônia brasileira se sentirem congelado. Como chegar a essa conclusão?

Por meio de análises de pólen e dos isótopos (variações) de carbono e nitrogênio de sedimentos encontrados até 20 metros de profundidade feitos por pesquisadores do Pará e de São Paulo. Segundo esses pesquisadores, além das espécies de árvores ainda hoje encontradas na região, a floresta abrigava outras típicas de clima frio, que desapareceram à medida que o clima se tornou mais quente.

No estudo foram identificados grãos de pólen de 65 grupos de árvores e plantas herbáceas retirados das amostras de sedimentos, nas quais os pesquisadores acreditam ter encontrado o primeiro registro de árvores de *Alnus* na Amazônia brasileira.

Na América do Sul, árvores desse gênero são encontradas atualmente em regiões acima de dois mil metros de altitude na cordilheira dos Andes, a pelo menos mil quilômetros de Porto Velho.

Por serem leves e minúsculos, com diâmetro variando de 10 a 40 micrômetros (um micrômetro equivale à milésima parte do milímetro), os grãos de pólen podem ser transportados facilmente pelo vento ou pela água da chuva e dos rios. No entanto, na região estudada o percentual de pólen de *Alnus* chegou a 11% do total encontrado, muito acima do esperado para a dispersão pelos rios ou vento.

Também foram identificados pólen de outros gêneros de árvores de clima frio, como *Hedyosmum*, *Weinmania*, *Podocarpus*, *Ilex*, e *Drymis*, já identificados em outros pontos da Amazônia. *Podocarpus* é um gênero de árvores do grupo das coníferas, como as araucárias, que ainda crescem no Sudeste e Sul do país.

Essas pesquisa indicam que o clima entre 40 mil e 30 mil anos era frio e úmido, e não frio e seco, segundo Luiz Carlos Pessenda, pesquisador no Centro de Energia Nuclear da Agricultura (CENA) da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (USP). Ele com sua equipe coletaram amostras de solo em uma linha de 250 km entre Humaitá, sul do estado do Amazonas, e Porto Velho, e verificou o predomínio de plantas adaptadas à umidade.

Esses estudos revelam a constante transformação por que tem passado a Amazônia, que também já teve seus rios correndo para o oceano Pacífico, diferente do que ocorre hoje.

Este estudo consta de artigo científico Late Pleistocene glacial forest of Humaitá-Western Amazonia, de autoria de COHEN, M. C. L. et al. publicado na *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*. Dez. 2013.

DIVERSIDADE BIOLÓGICA E DIVERSIDADE CULTURAL

diversidades biológica e cultural estão geralmente ligadas. As áreas tropicais do mundo onde há grandes concentrações de espécies são frequentemente as áreas onde as pessoas têm a maior diversidade cultural e linguística.

O isolamento geográfico por cadeias de montanhas e complexos sistemas fluviais que favorecem a especiação biológica, também favorece a diferenciação de culturas humanas.

A diversidade cultural encontrada em locais como a Amazônia, a África Central, Nova Guiné e Sudeste da Ásia representa um dos mais valiosos recursos da civilização humana, fornecendo uma visão singular de filosofia, religião, arte, manejo de recursos e psicologia.

A proteção dessas culturas tradicionais dentro do seu ambiente natural dá oportunidade para se alcançar o duplo objetivo de proteger a diversidade biológica e preservar a diversidade cultural.

A diversidade cultural está fortemente ligada à diversidade genética de plantas de cultivos. Em áreas montanhosas, em particular, as culturas isoladas geograficamente desenvolvem variedades de plantas locais conhecidas como “variedades selvagens”; estes cultivares são adequados ao clima local, solos e ecologia, satisfazendo os gostos e as necessidades da população local.

A variabilidade genética nessas “variedades selvagem” tem significância universal para a agricultura moderna por causa de seu potencial para a melhoria das espécies de cultivo.

Esta condição faz com que se olhe a diversidade biológica e a diversidade cultural não como patrimônio e riqueza estática. Desse modo, seu uso só é viável por formas extrativas. Mas, ao contrário, o desenvolvimento sustentável que norteia a sociedade mundial do século 21 o vê com base na qual a biodiversidade precisa ir além do extrativismo, para o bem dessas populações e também das demais a se beneficiarem desse patrimônio e dessa riqueza.